

A ARTICULAÇÃO ENTRE INDIVIDUALIDADE E COLETIVIDADE NA RETÓRICA TESTEMUNHAL DE ON EARTH WE'RE BRIEFLY GORGEOUS (2019), DE OCEAN VUONG

THE ARTICULATION BETWEEN INDIVIDUALITY AND COLLECTIVITY IN THE TESTIMONIAL RHETORIC OF OCEAN VUONG'S ON EARTH WE'RE BRIEFLY GORGEOUS (2019)

Renato Lazaro Leal Gomes

Mestrando em Estudos Literários no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9655223210031214>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1372-0583>
E-mail: lazarorenato99@gmail.com

Resumo: *On Earth We're Briefly Gorgeous (2019)*, romance de Ocean Vuong (1988-), é o objeto deste trabalho, que analisa as estratégias retóricas empregadas pelo protagonista, Little Dog, para construir um discurso pessoal que reflete experiências coletivas de sua comunidade vietnamita-americana queer nos Estados Unidos. Isso inclui identificar os elementos lexicais que evidenciam essa retoricidade e descrever quais vivências desse grupo são visibilizadas pela linguagem do personagem. Uma análise textual (Belsey, 2013) foi conduzida incorporando a retórica testemunhal (Sarlo, 2007) como expressão literária, o hibridismo (Pelaud, 2011), que investiga interseções socioculturais da identidade vietnamita-americana, e a leitura queer (Stockton, 2023), que examina representações de jornadas não heterossexuais. As discussões sugerem que a narrativa intimista de Little Dog transcende o autobiográfico e que suas lutas identitárias não são casos isolados. Assim, Vuong constrói um personagem que alcança o objetivo de preservar histórias e corpos que, embora frequentemente esquecidos, continuam a existir.

Palavras-chave: Retórica. Testemunho. Comunidade vietnamita-americana queer. Sobre a terra somos belos por um instante. Ocean Vuong.

Abstract: *On Earth We're Briefly Gorgeous (2019)*, a novel by Ocean Vuong (1988-), is the focus of this work, which analyzes the rhetorical strategies employed by the protagonist, Little Dog, to construct a personal discourse that reflects collective experiences of his queer Vietnamese-American community in the United States. This includes identifying lexical elements that evidence this rhetoric and describing which experiences of this group are made visible through the character's language. A textual analysis (Belsey, 2013) was conducted, incorporating testimonial rhetoric (Sarlo, 2007) as literary expression, hybridity (Pelaud, 2011), which investigates the sociocultural intersections of Vietnamese-American identity, and queer reading (Stockton, 2023), which examines representations of non-heterosexual journeys. The discussions suggest that Little Dog's intimate narrative transcends the autobiographical, and his struggles with identity are not isolated cases. Thus, Vuong creates a character who achieves the goal of preserving stories and bodies that, though often forgotten, continue to exist.

Keywords: Rhetoric. Testimony. Queer Vietnamese American community. On Earth We're Briefly Gorgeous. Ocean Vuong.

Introdução

“Let me begin again. Dear Ma, I am writing to reach you—even if each word I put down is one word further from where you are. I am writing to go back to the time...” (Vuong, 2019, p. 3)¹. Assim inicia o livro, em formato de carta, que Little Dog (ou Cachorrinho, na versão brasileira) escreve aos vinte e oito anos para sua mãe, Rose, que não sabe ler. Desde esse começo, há uma sugestão de recuperação de memórias e de tentativa de fortalecer sua relação com ela, por meio de um texto que navega entre tempos distintos e sentimentos complexos. Na progressão do discurso, esse movimento se confirma. Ele revisita experiências formativas que contribuíram para sua identificação como um vietnamita-americano homossexual na sociedade estadunidense. Contudo, surge a dúvida: ele consegue alcançá-la por meio da escrita, mesmo sem ela ter desenvolvido a habilidade linguística necessária para acessar esse conteúdo? Como isso é possível?

A solução inicial é de que o discurso de Little Dog não alcança sua mãe diretamente, uma vez que ele reconhece a dificuldade dela em acessar tais palavras por ser iletrada. Por outro lado, a mensagem da carta funciona como uma reflexão individual que, indiretamente, para o protagonista, chega até ela em um nível emocional e simbólico. Isso implica afirmar que ele utiliza a escrita para processar suas sensações e lembranças das fases da vida que impactaram sua percepção de si e do mundo ao seu redor. Mesmo ciente de que provavelmente Rose não lerá a carta, o personagem acredita que suas palavras a alcançam uma vez que ele aborda os temas operando a linguagem de um modo que a fizesse compreendê-los caso a lesse. Dessa forma, ele desenvolve em si a edificação de uma ponte de entendimento e conexão que transcende a barreira da leitura entre eles.

Como esse formato literário é pessoal, o protagonista se beneficia de uma narrativa predominantemente em primeira pessoa, ainda que majoritariamente escrita em segunda, dirigindo-se à mãe. Isso o estimula a discorrer sobre relatos íntimos. Ele entende que a carta acolhe seu testemunho como um gay cisgênero, pobre, nascido no Vietnã e naturalizado nos Estados Unidos da América (EUA) — para onde imigrou aos dois anos. Sua formação como vietnamita-americano, no entanto, não se limita à vivência como imigrante: ela também é atravessada pela herança histórica familiar, uma vez que sua mãe é fruto do relacionamento entre sua avó vietnamita, Lan, e um soldado estadunidense branco durante a Guerra do Vietnã (1955-1975). Logo, Little Dog é plenamente consciente de que sua existência é consequência direta da guerra.

Esse testemunho, por sua natureza, não segue as regras dos discursos referenciais tradicionais, já que se apresenta como uma perspectiva de um indivíduo “[...] alegando a verdade da experiência, quando não a do sofrimento” (Sarlo, 2007, p. 38). Isso significa que sua narração carrega uma forte carga emocional e traumática, afastando-se de qualquer pretensão de neutralidade. Por isso, ele se sente à vontade para contar memórias unidas a reflexões que visam construir um processo de autorrepresentação.

Todavia, diversas passagens registram circunstâncias que vão além de sua singularidade. Como afirma Lima (2011, p. 293), ao narrar suas experiências e perspectivas, os personagens conferem notoriedade às realidades sociais e emocionais das comunidades que representam fora da ficção. Isso reverbera uma visibilidade coletiva a ocorrências comuns entre aqueles com identidade social semelhante.

Portanto, ao persistir em escrever a carta, mesmo ciente de que não será lida pela destinatária, Little Dog demonstra compreender que o alcance que ele busca com essa produção transcende o desejo de contar sua história para a figura materna. Na verdade, o que se delinea — e constitui a hipótese deste estudo — é que, ao desejar publicá-la, ele procura visibilizar, por meio do registro escrito, os indivíduos que compartilham trajetórias semelhantes à sua, ultrapassando o registro puramente autobiográfico.

Essa trama é referente ao romance epistolar do vietnamita-americano Ocean Vuong (1988-), *On Earth We're Briefly Gorgeous* (2019), publicado no Brasil em 2021 como *Sobre a terra somos belos por um instante*, com tradução de Rogério Galindo. Após ser premiado por suas obras de

¹ Tradução de Galindo: “Deixa eu começar de novo. Querida Mãe, estou escrevendo para chegar até você — ainda que cada palavra que eu ponha no papel fique uma palavra mais longe de onde você está. Estou escrevendo para voltar ao tempo...” (Vuong, 2021, p. 11).

poesia, o autor, integrante da nova geração das literaturas de língua inglesa, resolveu expandir sua linguagem poética para outros formatos narrativos, sendo esse seu romance de estreia — inspirado em suas próprias vivências. Inclusive, a obra foi considerada a 48ª melhor do século XXI, consoante os leitores do *The New York Times* (AUFRICTIG; KATZ, 2024).

A justificativa para este artigo baseia-se no interesse em contribuir para as discussões acerca da linguagem na literatura estadunidense contemporânea como meio de expressão política, a partir de uma perspectiva interseccional que ressalta as experiências vietnamita-americanas e *queer*. Neste contexto, o último termo se refere a pessoas com identidades sexuais e de gênero dissidentes, como lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binários e outras (LGBTQIAPN+).

Considera-se que as palavras escolhidas por Little Dog para narrar seus impasses cotidianos revelam experiências atravessadas por preconceitos sistemáticos relacionados à etnia, raça, sexualidade, gênero e classe social dos vietnamita-americanos LGBTQIAPN+, especialmente homens gays pobres. Por isso, o problema de pesquisa consiste em compreender como sua retórica intimista tensiona a fronteira entre sua individualidade e as vivências coletivas de um grupo historicamente marginalizado.

Diante desse contexto, reformula-se a pergunta de pesquisa para ir além de como Little Dog busca alcançar sua mãe e focar em: como ele articula, retoricamente, o testemunho individual e a representação de uma coletividade vietnamita-americana gay?

O objetivo primário do artigo é analisar as estratégias retóricas de Little Dog para desenvolver um discurso pessoal que evoca uma representação coletiva da comunidade vietnamita-americana *queer* (com ênfase nas experiências gays) nos EUA em *On Earth We're Briefly Gorgeous*. Para isso, é fundamental identificar os elementos lexicais que indicam tal retoricidade. E, também, descrever quais experiências desse grupo a linguagem utilizada pelo protagonista visibiliza.

Metodologia

De acordo com Belsey (2013), a análise textual é uma abordagem essencial para investigar os significados construídos pela linguagem em obras literárias — como seus reflexos e suas contestações culturais e históricas. Ela permite observar como a estrutura, o vocabulário, as figuras de linguagem e as escolhas estéticas da narrativa contribuem para a construção de sentidos. Por meio dela, esta pesquisa analisa os termos retóricos de *On Earth We're Briefly Gorgeous*, de Ocean Vuong — optando pela versão original em vez da tradução, para preservar as nuances linguísticas e estilísticas que podem se perder ou ser alteradas no processo tradutório. Para fins de referência, as expressões e os excertos analisados são acompanhados, em rodapé, por suas correspondentes na edição brasileira, sem que isso desloque o foco do trabalho para os estudos da tradução.

Para identificar e analisar os elementos lexicais que integram retoricidade e expressão identitária em trechos do romance, o trabalho se fundamenta especialmente na retórica testemunhal literária (Bender; Wellbery, 1998; Sarlo, 2007), a qual é uma expressão da voz do sujeito na literatura como testemunha de realidades coletivas. Em colaboração, utiliza-se o *hybridity*/hibridismo (Pelaud, 2011), que explora as interseções culturais e identitárias na formação das identidades vietnamita-americanas, e a *queer reading*/leitura *queer* (Stockton, 2023), que examina as experiências, representações e identidades de indivíduos não heterossexuais.

A identidade vietnamita-americana gay na retórica testemunhal literária

A retórica — que corresponde à técnica de estruturação das palavras para evocar emoções, persuadir, convencer e envolver um público — é inerente a toda forma de comunicação. Afinal, a linguagem não apenas transmite informações, como também condiciona percepções. Tal pensamento é destacado por Bender e Wellbery (1998, p. 32) quando afirmam que “[...] os discursos [...] devem ser analisados em termos de sua localização estratégica dentro de um conflito

de forças concorrentes, elas próprias constituídas nas e através das próprias dissimulações retóricas que empregam”. Isso significa que, ao situar um enunciado em um cenário, é possível identificar as estratégias de retoricidade — ou seja, os métodos utilizados para operar o léxico com eficácia — que são empregadas para alcançar seus objetivos.

Essa interpretação corresponde à retórica contemporânea, a qual não é mais caracterizada por regras limitantes, sendo aberta à diversidade discursiva. Ela é particularmente relevante em análises sobre dinâmicas raciais e de sexualidade, uma vez que as declarações sobre esses temas refletem frequentemente a complexidade das relações de poder desiguais. Considerando isso, ao examinar um texto literário que, por meio de um testemunho, aborda tais temáticas no contexto da sociedade estadunidense, como *On Earth We're Briefly Gorgeous*, é crucial atentar-se às escolhas linguísticas e estilísticas da composição. Afinal, elas influenciam a interpretação sobre os tópicos explorados.

Nesse contexto, as retóricas testemunhal e literária se interseccionam por Little Dog transformar sua experiência pessoal em narrativa, utilizando seu relato como uma forma de reivindicar espaço para si e seus semelhantes, tanto no presente quanto no futuro dos EUA. Conforme Sarlo (2007, p. 51), “o discurso da memória, transformado em testemunho, tem a ambição da autodefesa; quer persuadir o interlocutor presente e assegurar-se uma posição no futuro; justamente por isso também é atribuído a ele um efeito reparador da subjetividade”. Sob tal raciocínio, a carta de Little Dog, enquanto peça literária, ultrapassa a expressão de sua vivência, adquirindo uma função política e social. Esse testemunho contribui para a ampliação da percepção sobre realidades marginalizadas no país e a fomentação de um campo de diálogo mais abrangente sobre identidade, memória e poder.

Esse aspecto relacional entre um personagem ficcional e indivíduos reais indica que Vuong criou um protagonista que mimetiza uma jornada dos vietnamita-americanos, sobretudo, pobres e gays nos EUA. Ou seja, sua formação ao longo do romance contempla intencionalmente situações comumente vividas por tal população fora da ficção, refletindo tanto experiências pessoais quanto coletivas. Logo, para manter essa coerência, a linguagem que ele utiliza incorpora elementos que representam a comunidade que constitui sua identidade.

Segundo Lima (2011, p. 289), o que leva à importância de representações sociais na literatura, como a feita por Vuong, é a contribuição que ela reverbera para uma compreensão mais consciente da diversidade de realidades. Assim, ao criar um personagem autêntico — tanto em sua personalidade quanto em seu discurso — o autor ressalta uma identidade que não só desafia estereótipos prevalentes na cultura estadunidense, como também amplia o entendimento das complexidades interseccionais enfrentadas pelas comunidades vietnamita-americana e *queer* nos EUA.

Como resultado do trabalho vuonguiano, a materialização dessa mimesis no testemunho apresentado remete à capacidade retórica de Little Dog de aludir a uma voz que abrange tanto imigrantes vietnamitas quanto pessoas LGBTQIAPN+, mas, especialmente, a população interseccionada por esses dois grupos marginalizados nos EUA. Essa ênfase se dá porque, por ser um vietnamita-americano homossexual, ele vivencia situações que englobam tanto sua identidade étnico-racial quanto sua sexualidade dissidente. Tal combinação impõe desafios únicos que não são plenamente compreendidos quando analisados separadamente.

Como afirmado por Eng (1997, p. 361), considerar a perspectiva *queer* nos estudos sobre identidades asiático-americanas ajuda a articular como as formações de sexualidade, etnia, raça, gênero e classe estão interconectadas no desenvolvimento desses indivíduos na sociedade estadunidense. Nesse sentido, se faz necessário considerar a união de uma abordagem sobre os estudos de identidades vietnamita-americanas com uma sobre identidades gays para concentrar o olhar analítico a respeito da retoricidade testemunhal de Little Dog em *On Earth We're Briefly Gorgeous*.

Portanto, esta pesquisa se fundamenta no conceito de *hybridity* (hibridismo), proposto por Pelaud (2011, p. 49), que explora como os vietnamita-americanos impactados por colonialismo, guerra, imigração e racismo enfrentam a falta de acolhimento do estado dos EUA e do Vietnã. Desse modo, é possível analisar o discurso de Little Dog, que suscita complexidades como trauma, sacrifício e adaptabilidade dessa população diante da luta histórica por resistência e acomodação

na sociedade estadunidense.

Junto a isso, a *queer reading* (leitura *queer*) ajuda a interpretar as nuances LGBTQIAPN+ da obra, focando mais precisamente, nesse caso, “[...] [n]a relação entre gênero, sexualidade e outras categorias sociais como raça e classe” (Stockton, 2023, p. 2, tradução nossa)². Ela é uma ferramenta crítica poderosa para expandir as compreensões sobre vozes e narrativas não heterossexuais, como a apresentada por Little Dog, promovendo uma percepção mais inclusiva dessas identidades.

Por fim, com base nessa ótica que ratifica o prestígio da retórica testemunhal de Little Dog para evocar a articulação de uma identidade vietnamita-americana gay, é pertinente reiterar que, embora ele seja marginalizado no mundo do romance, sua existência possui grande relevância nesta análise. A mudança de perspectiva a respeito de sua figura é fundamentada na visão explorada por Lukács (2000, p. 83) sobre “[...] essa vida só ganha[r] relevância por ser a representante típica daquele sistema de ideias e ideais vividos que determina regulativamente o mundo interior e exterior do romance”. Em outras palavras, o protagonista é apenas um indivíduo comum no cenário estadunidense ficcional; entretanto, para esta pesquisa, sua presença se torna de grande valor por ele ser o responsável por estruturar tanto o interior (psicológico e emocional) quanto o exterior (social e cultural) da história. O estudo só é possível graças à qualidade de seu testemunho, que transforma sua experiência pessoal em uma reflexão profunda e representativa. Afinal, a narrativa é completamente desenvolvida a partir de seu ponto de vista, o que reforça seu papel central na análise da subjetividade vietnamita-americana *queer*.

A dimensão retórica de *On Earth We're Briefly Gorgeous*

Os fragmentos de *On Earth We're Briefly Gorgeous* que serão analisados contribuem para evidenciar a utilização de estratégias retóricas dentro de um discurso individual de Little Dog para o desenvolvimento de temas que evocam representações coletivas da comunidade vietnamita-americana LGBTQIAPN+ (principalmente de homens gays) nos EUA. Para identificar a linguagem usada por ele e descrever quais experiências desse grupo são visibilizadas, é necessário unir a abordagem sobre estratégias discursivas na retórica testemunhal literária juntamente com o hibridismo e a leitura *queer*.

O primeiro excerto selecionado explora o perigo da cor rosa. Nesta cena, Little Dog relembra quando sua mãe o presenteou com sua primeira bicicleta na infância — a mais barata da loja, que era a que ela conseguia pagar: um modelo rosa-choque com rodinhas e serpentinas. Pela forma como a memória é detalhada, tanto ele quanto Rose aparentavam sentir uma felicidade genuína pela aquisição do objeto. A cor não tinha um significado relevante para eles, pois a aparência não afetava seu funcionamento. O sentimento deles, no entanto, é alterado a partir do contato do protagonista com dois garotos que inesperadamente travam sua bicicleta com as mãos e o derrubam dela. Para eles, Little Dog em uma bicicleta associada a meninas transgride uma norma social do país, fazendo-os se sentirem no direito de intimidá-lo e humilhá-lo.

The large boy took out a key chain and started scraping the paint off my bike. It came off so easily, in rosy sparks. I sat there, watching the concrete fleck with bits of pink as he gashed the key against the bike's bones. I wanted to cry but did not yet know how to in English. So I did nothing.

That was the day I learned how dangerous a color can be. That a boy could be knocked off that shade and made to reckon his trespass. Even if color is nothing but what the light reveals, that *nothing* has laws, and a boy on a pink bike must learn, above all else, the law of gravity (Vuong, 2019, p. 134-135, grifo do autor)³.

2 Texto original: “[...] [on] the relationship between gender, sexuality, and other social categories like race and class”.

3 Tradução de Galindo: “O garoto grande pegou um chaveiro e começou a raspar a tinta da minha bicicleta. Saía fácil, em fagulhas róseas. Fiquei ali, sentado, vendo o concreto ficar salpicado com pedaços de rosa enquanto ele feria os ossos da bicicleta com o chaveiro. Eu queria gritar, mas não sabia gritar em inglês. Então não fiz nada. Foi nesse dia que aprendi como uma cor pode ser perigosa. Que um garoto podia ser derrubado daquela cor e ser

No final, o narrador relembra sua mãe restaurando cuidadosamente com esmalte rosa cada parte raspada. Tal gesto de cuidado traz um alívio simbólico para a humilhação enfrentada. Assim, a bicicleta volta a exibir seu brilho rosa-choque, agora carregado de um novo significado: uma evidência da resiliência e do amor materno em meio à adversidade.

A seleção de palavras para relatar o vandalismo dos garotos é interessante porque Little Dog utiliza uma poeticidade que transcende esse momento para uma reflexão que relaciona identidade e opressão. Mais precisamente, a linguagem empregada ressoa sua interioridade, transmitindo intimamente seus sentimentos acerca daquela circunstância. Como observa Adorno (2003, p. 56), “[...] contar algo significa ter algo especial a dizer, e justamente isso é impedido pelo mundo administrado, pela estandardização e pela mesmice”. Dessa forma, ao optar pela comunicação ornamentada ao invés de descritiva, Little Dog oferece uma expressão mais envolvente e sentimental do que enfrentou, alcançando uma narrativa autêntica.

Isso é evidenciado nas partes seguintes. Primeiro, a relação de metáforas visuais — *rosy sparks*⁴ e *gashed the key against the bike’s bones*⁵ — com o ato de raspar agressivamente a tinta da bicicleta converte o incidente em uma experiência estética e emocional. Segundo, a confissão de não saber extravasar suas emoções em inglês — *I wanted to cry but did not yet know how to in English*⁶ — ecoa um efeito da barreira linguística sobre imigrantes (vietnamitas, em seu caso), revelando a sensação de impotência e exclusão — *so I did nothing*⁷. Terceiro, a reflexão sobre o perigo que uma cor pode exprimir para o sexo masculino no contexto dos EUA ao estar associada a uma ideia normativa de feminilidade — *I learned how dangerous a color can be*⁸. Quarto, a ironia ao destacar a discriminação nas normas sociais que transformam algo aparentemente insignificante, como a cor rosa, em um símbolo de transgressão e ameaça — *a boy could be knocked off that shade and made to reckon his trespass*⁹. Por fim, a metáfora *law of gravity*¹⁰ para aludir às expectativas e preconceitos sociais, sugerindo que, embora invisíveis, essas leis exercem um peso e uma atração inevitáveis sobre a vida dos indivíduos — em especial, vietnamita-americanos *queer* como ele, que são marginalizados por desafiar os padrões sociais dominantes. Essas escolhas lexicais permitem uma conexão direta com as emoções de Little Dog, criando uma ponte comovente entre a descrição do evento e a interpretação dele.

Ainda assim, a estratégia retórica que transita a perspectiva individual de seu discurso para a coletiva acontece quando o narrador sistematiza uma lição social a respeito do episódio. Sua abordagem muda da primeira para a terceira pessoa, com a expressão duplicada *a boy*¹¹. Ao expandir o foco para além de si na teorização, Little Dog indica que a coerção ocorrida não foi uma exclusividade com ele, mas sim uma injustiça sistêmica enfrentada frequentemente por pessoas que transgridem a heteronormatividade por meio de signos que desafiam as expectativas binárias de gênero. Especificamente nesse caso, o personagem se refere a situações em que sujeitos identificados como do sexo masculino se associam a características socialmente atribuídas ao feminino, como a cor rosa. É significativo que ele não delimite essa violência apenas a homens *queer*, mas a qualquer homem que se desvie da norma de masculinidade imposta. Trata-se, portanto, de uma questão de gênero, e não exclusivamente de sexualidade.

No entanto, ao considerar a identidade vietnamita-americana gay de Little Dog, torna-se difícil dissociar completamente a dimensão sexual dessa experiência. Pessoas *queer* são frequentemente aquelas que mais expõem e desafiam as expectativas de gênero, o que as coloca em maior risco de hostilidade social. Essa vulnerabilidade se intensifica quando combinada a marcadores raciais e migratórios, pois indivíduos não brancos e imigrantes raramente conseguem passar despercebidos

obrigado a prestar contas de sua transgressão. Mesmo que a cor não seja nada, apenas o que a luz revela, esse nada tem leis, e um menino numa bicicleta rosa precisa aprender, sobretudo, a lei da gravidade” (Vuong, 2021, p. 128, grifo do autor).

4 Tradução de Galindo: fagulhas róseas.

5 Tradução de Galindo: feria os ossos da bicicleta.

6 Tradução de Galindo: eu queria gritar, mas não sabia gritar em inglês.

7 Tradução de Galindo: então não fiz nada.

8 Tradução de Galindo: aprendi como uma cor pode ser perigosa.

9 Tradução de Galindo: um garoto podia ser derrubado daquela cor e ser obrigado a prestar contas de sua transgressão.

10 Tradução de Galindo: lei da gravidade.

11 Tradução de Galindo: um garoto; um menino.

ao olhar preconceituoso e normativo estadunidense.

Essa exposição forçada de corpos considerados desviantes constitui um traço persistente da cultura estadunidense, que se mantém mesmo após as conquistas dos direitos civis LGBTQIAPN+. A análise de Escoffier sobre a economia política pré-Stonewall exemplifica essa lógica. Naquele contexto, a sobrevivência da população *queer* dependia frequentemente da discrição, já que os espaços e serviços voltados a esses grupos eram, em grande parte, clandestinos ou ilegais. Nessas condições, figuras cuja expressão de gênero contrariava abertamente as normas sociais tornavam-se alvos visíveis — e, por conseguinte, recorrentes — de hostilidade. O autor observa que

drag queens e lésbicas *butch* eram representantes visíveis da população homossexual e, como outras minorias raciais ou sociais cujo estigma é visível, eram constantemente confrontadas com situações sociais tensas que frequentemente resultavam em violência (Escoffier, 1997, p. 125 *apud* Stockton, 2019, p. 130, tradução nossa)¹².

Embora esse exemplo remeta a um contexto passado, ele ilumina dinâmicas que permanecem operantes no presente. Independentemente dos avanços em termos de inclusão LGBTQIAPN+ e da difusão de discursos sobre autenticidade, a repressão às identidades que desviam das normas de gênero continua a estruturar formas de exclusão, coerção e violência — ainda que sob roupagens sociais e institucionais renovadas. Em outras palavras, mesmo que mais pessoas estejam engajadas na desconstrução das visões socialmente padronizadas de gênero e sexualidade, a tentativa de puni-las por isso não se extinguiu. Essa repressão incide, sobretudo, sobre indivíduos cujas expressões de gênero os tornam mais legíveis como desviantes, dentro de contextos sociais específicos. Assim, a agressão não se dirige apenas à sexualidade, mas, sobretudo, à maneira como ela se manifesta corporalmente e desafia convenções visuais e comportamentais. Por tudo isso, fica evidente que, quando essas transgressões se tornam legíveis, elas passam a ser um alvo direto da intolerância. Consequentemente, a cena vivida por Little Dog ganha força como uma representação concreta de um das práticas pelas quais se perpetua a marginalização das comunidades *queer* racializadas.

A partir da compreensão de tais signos linguísticos como elementos retóricos para evocar coletividade no excerto, compreende-se que o uso de uma linguagem conotativa na descrição da cena colaborou para que Little Dog construísse, inicialmente, uma perspectiva imersiva que exaltasse a singularidade de sua experiência, mas que, em seguida, foi transformada em uma reflexão sobre um problema social. Tal recurso cria uma atmosfera estética que evoca sentimentos de exclusão e fragilidade, os quais pertencem não só a ele, mas também a toda sua comunidade nos EUA.

O resultado desse modo de utilizar os elementos lexicais é eficaz, pois o narrador atinge seu objetivo de não só contar o que aconteceu, mas principalmente de mostrar como o ocorrido significa algo para ele e para os que compartilham da mesma interseccionalidade de raça e sexualidade. Portanto, essa construção linguística é um ato de resistência, em que o uso crítico da subjetividade se torna uma ferramenta para expor e contestar as hierarquias sociais que impõem regras invisíveis que governam corpos como o dele.

Outro momento que exemplifica a presença de um discurso retórico do narrador para aludir às comunidades que compõem sua identidade é quando ele explica na carta o que significa ser um escritor. Impulsionado pela retomada do questionamento que sua mãe lhe fez no passado, o personagem expõe seu ponto de vista pautando-se no senso de coletividade que o representa: “I never wanted to build a ‘body of work,’ but to preserve these, our bodies, breathing and unaccounted for, inside the work” (Vuong, 2019, p. 175)¹³. Para chegar até essa resposta, Little Dog pontua o impacto da negligência sistêmica em sua vida e nas pessoas ao seu redor (incluindo aquelas que não têm origem vietnamita) com o passar dos anos em Hartford (Connecticut). Adicionalmente, ele menciona algumas histórias individuais — suas e de outros — que configuram um quadro das dificuldades, tragédias e injustiças que permeiam seu cotidiano.

12 Texto original: “Drag queens and butch lesbians were visible representatives of the homosexual population, and, like racial or other minorities whose stigma is visible, they were constantly confronted by tense social situations that frequently resulted in violence”.

13 Tradução de Galindo: “eu nunca quis dar corpo a uma obra, mas preservar esses corpos, os nossos corpos, vivos e esquecidos, dentro da obra” (Vuong, 2021, p. 161).

Nesse fragmento, a retoricidade do protagonista reflete uma preocupação com a memória e a imagem coletiva, na literatura, das identidades marginalizadas nos EUA, especialmente a vietnamita-americana *queer*. Isso fica explícito quando ele começa enfatizando sua credibilidade como um escritor que é dedicado a uma causa maior do que a própria criação literária. Em seguida, utiliza as metáforas *build a body of work*¹⁴ e *preserve these [bodies]*¹⁵ que conectam a escrita à vida e à preservação da memória. Depois, a expressão *our bodies*¹⁶ ressalta tanto suas vivências individuais quanto as de outras pessoas oprimidas que compartilham dessas mesmas experiências — predominantemente vietnamita-americanos, LGBTQIAPN+ e/ou aqueles presentes nessa interseção. Por fim, *breathing and unaccounted for*¹⁷ funciona metaforicamente como uma alternativa emocional para indicar que são cidadãos à margem social.

Essa escolha de palavras para compor a mensagem que Little Dog quer abordar, expandindo de sua individualidade para uma visão comunitária, reverbera a ideia de Sarlo (2007, p. 24-25), segundo a qual

Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível), mas de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar.

Logo, ao trabalhar na comunicação não estereotipada das realidades de corpos *breathing and unaccounted for*, baseando-se em suas próprias experiências e nas de pessoas próximas, Little Dog não somente resgata trajetórias da marginalidade e do silêncio, mas as insere em uma dimensão temporal que vai além do momento vivido. Desse modo, a escrita literária se torna um meio de transformar tais vivências em matéria acessível à sociedade. Ela permite que, por exemplo, os registros de suas comunidades vietnamita-americanas e LGBTQIAPN+ — frequentemente apagados pela narrativa dominante — sejam preservados e atualizados a cada releitura. Com isso, ele indica que, como escritor, mais do que relatar sua vida pessoal, assume o papel de testemunha de um legado partilhado por quem também enfrenta os mesmos apagamentos e violências. Ou seja, seu trabalho garante que essas histórias não se percam no esquecimento, e que continuem sendo contadas, ressignificadas e incorporadas à memória coletiva.

Outro significado extraído do excerto é que — ao produzir obras em nome dos vietnamitas-americanos, e, principalmente, daqueles que, como ele, também são *queer* — Little Dog luta ativamente pela existência de mais narrativas literárias sobre trajetórias invisibilizadas como a sua. Dessa forma, ele ajuda na reversão do panorama do número de produções acerca da pluralidade dessa população imigrante, que é menor em comparação com outros grupos asiáticos, segundo Pelaud (2011, p. 2). Além disso, refletindo o preconceito e as dificuldades de representação existentes, essa quantidade é ainda inferior quando se trata de narrativas não heterossexuais.

Um aspecto que corrobora a persistência desse quesito destacado por Pelaud é a pressão sobre como representar dignamente as histórias dos vietnamitas-americanos LGBTQIAPN+, enfrentada pelos escritores da própria comunidade. Eles lidam com a dificuldade de construir esses personagens com precisão, uma vez que suas vidas estão conectadas com um cenário histórico multifacetado nos EUA, marcado tanto pelas consequências da Guerra do Vietnã quanto pela complexidade por serem indivíduos racializados e não heterossexuais em uma sociedade preconceituosa. Por isso, representar essas jornadas requer um cuidado minucioso, garantindo que sejam retratadas com autenticidade e profundidade. Trata-se de um processo que exige sensibilidade para captar as nuances das experiências individuais, ao mesmo tempo que reconhece

14 Tradução de Galindo: dar corpo a uma obra.

15 Tradução de Galindo: preservar esses corpos.

16 Tradução de Galindo: os nossos corpos.

17 Tradução de Galindo: vivos e esquecidos.

o peso das estruturas sociais que impactam essas vidas — tanto na ficção quanto fora dela.

Não obstante, após passar por essa etapa, existe uma complicação para achar editoras que estejam dispostas a publicar tais narrativas. É desafiadora a aceitação de histórias no circuito editorial tradicional que abordem a combinação de temas, como a interseccionalidade entre raça, sexualidade e histórico de guerra. Até recentemente, como aponta Slevin (2021), o mercado dos EUA foi marcado pela predominância de autores brancos e por uma baixa representação de vozes diversas em suas narrativas. Contudo, nas últimas décadas, especialmente a partir dos anos 2020, tem havido uma abertura progressiva para publicações que refletem identidades marginalizadas e múltiplos atravessamentos sociais. O principal entrave é que essas obras rompem com as normas e revisitam questões ignoradas pela sociedade. Por consequência, suscitam reflexões sobre realidades desconfortáveis, o que muitas vezes gera resistência em um mercado que, por razões diversas, tende a privilegiar obras mais alinhadas aos padrões dominantes. Esse cenário no campo de publicação inclui, historicamente, o receio por parte de muitas editoras de serem rotuladas como ativistas. Isso poderia acarretar boicotes (comumente chamados de cancelamento, nos dias atuais) e repercussões negativas, especialmente em contextos conservadores.

Em resumo, isso significa que os autores convivem com o obstáculo de criar retratos vietnamitas-americanos LGBTQIAPN+ complexos e originais sem serem reduzidos a estereótipos ou narrativas simplificadas, frequentemente impostos por expectativas sociais e categorias predefinidas que prejudicam a mudança do cenário subalterno. Portanto, ao se empenhar em fazer produções textuais ultrapassando tais barreiras, Little Dog estabelece um elo de solidariedade com seus semelhantes e contribui para a construção de um espaço literário mais inclusivo, onde vozes marginalizadas podem ser ouvidas de forma legítima.

O último excerto selecionado concerne a um momento introspectivo de Little Dog, o qual reflete sobre o perigo de viver integralmente sua identidade sendo um corpo marginalizado. Esse pensamento surge após uma cena íntima entre ele e Trevor, que é um estadunidense branco. O relacionamento amoroso deles é secreto, por saberem que o contexto onde estão inseridos não os apoiaria e, também, por Trevor insistir na crença de que seu envolvimento homossexual não vai além da juventude. A relação é composta tanto pelo sentimento pleno de amar alguém quanto pelo medo de ser descoberto por isso.

Diante desse panorama, uma conversa entre os dois sobre a adequação a comportamentos habitualmente reproduzidos na sociedade, sem que os indivíduos de fato se questionem sobre os motivos — somente assumindo que se trata da lei da natureza — revela uma tensão entre conformidade e autenticidade. Essa troca sublinha como a aceitação passiva das normas sociais contribui para a perpetuação da exclusão e da estigmatização; por outro lado, também indica que desafiar-las para viver autenticamente pode colocar em risco a vida de quem o faz. Nesse sentido, Little Dog utiliza um discurso retórico que parte de sua vivência particular para refletir sobre sua identidade vietnamita-americana gay, evocando um senso de coletividade por esse grupo lutar historicamente por validação em meio à discriminação que enfrentam nos EUA.

They say if you want something bad enough you'll end up making a god out of it. But what if all I ever wanted was my life, Ma?

I am thinking of beauty again, how some things are hunted because we have deemed them beautiful. If, relative to the history of our planet, an individual life is so short, a blink of an eye, as they say, then to be gorgeous, even from the day you're born to the day you die, is to be gorgeous only briefly. [...] To be gorgeous, you must first be seen, but to be seen allows you to be hunted (Vuong, 2019, p. 238)¹⁸.

¹⁸ Tradução de Galindo: “Dizem que se você deseja algo com força suficiente, vai acabar transformando aquilo num deus. Mas e se tudo que eu sempre quis fosse a minha vida, Mãe?

Estou de novo pensando na beleza, em como algumas coisas são caçadas porque achamos que elas são bonitas. Se, comparada com a história do nosso planeta, uma vida individual é tão curta, um piscar de olhos, como dizem, então ser belo, mesmo que do dia em que você nasce até o dia em que você morre, é ser belo apenas por um instante. [...] Para ser belo, você primeiro precisa ser visto, mas ser visto sempre permite que você seja caçado” (Vuong, 2021, p. 215-216).

As palavras do personagem revelam um questionamento existencial moldado pelo modo como o ambiente em que está inserido o trata com base no que ele representa. Segundo Lacan, é comum que os seres humanos tenham curiosidade em descobrir o significado da vida, como se ela precisasse de um propósito para ser valiosa (Stockton, 2023, p. 106). No entanto, esse trecho da obra ilustra que identidades marginalizadas convivem com esse dilema mais intensamente do que aqueles que correspondem às normas hegemônicas de classe, raça, gênero e sexualidade por constantemente sentirem uma perseguição que potencializa seu deslocamento social. Esse fator as leva ao sentimento de desesperança e desmotivação para viver em um lugar que não as acolhe — como Little Dog revela vulneravelmente: *but what if all I ever wanted was my life, Ma?*¹⁹. Uma frase que ressoa em comunidades historicamente oprimidas, que muitas vezes o que mais desejam é o direito básico de existir com dignidade, mas que são sistematicamente privadas até mesmo da possibilidade de alcançar esse mínimo.

Intencionalmente, muitas dessas pessoas se esforçam para se encaixar em padrões estabelecidos como ideais, com o objetivo de se sentirem valorizadas — mesmo que isso custe performar uma essência que não honre suas singularidades. Esse esforço assume diferentes formas. Para citar alguns exemplos: no campo racial, pode se manifestar como busca por passabilidade fenotípica; no sexual, como tentativa de parecer heteronormativo. Conforme Stockton (2019, p. 67) observa, normas operam tanto como expectativas culturais e morais quanto como médias estatísticas. Elas moldam a maneira como a sociedade define o que é aceitável e conectam o que a maioria faz ao que todos devem fazer. O resultado desse processo tende a ser insatisfatório para os próprios sujeitos que tentam se adequar. Em resumo, por pelo menos estes dois motivos: eles não conseguem viver de forma autêntica e, ao mesmo tempo, convivem com o desconforto de fingir ser alguém que não são.

Por tudo isso, a busca por um propósito que as encoraje a ignorar os padrões sociais para exaltar sua própria existência — e, conseqüentemente, atribuir um significado positivo à sua visibilidade no mundo — se torna uma jornada árdua de autoafirmação e resistência. Especialmente porque, ao afirmarem quem são, muitas vezes se expõem a riscos concretos de violência, exclusão social, apagamento simbólico e rejeição familiar ou institucional. Logo, ao associar *to be gorgeous*²⁰ à efemeridade da vida individual (*a blink of an eye*²¹), Little Dog se coloca em um contexto maior, que considera a brevidade da existência e a busca por beleza como uma metáfora para a luta coletiva que cada pessoa enfrenta em prol de aceitação e respeito para si e sua comunidade.

A escolha da palavra *gorgeous* nessa circunstância não se limita a descrever uma aparência linda, deslumbrante, magnífica ou bela. Ela carrega um peso simbólico significativo, especialmente por ser proferida por um personagem gay, racializado e imigrante nos EUA.

Na cultura LGBTQIAPN+ estadunidense, essa é uma expressão recorrente de afirmação estética, carinho e resistência — muito além de seu uso convencional como adjetivo de beleza. O termo adquiriu uma nova dimensão, passando a funcionar como uma forma de enaltecer existências dissidentes. Nesse universo, dizer que alguém é *gorgeous* é (também) um gesto de empoderamento, uma maneira de afirmar valor em corpos não heterossexuais ou cisgêneros que historicamente foram marginalizados.

Essa ampliação semântica de *gorgeous*, enquanto expressão de empoderamento, encontra um exemplo emblemático na cena icônica do filme *Funny Girl* (1968). Nela, a personagem interpretada por Barbra Streisand se olha no espelho em uma cena intimista e afirma: “Hello, gorgeous”²². A frase ganhou força afetiva em setores da comunidade LGBTQIAPN+ estadunidense (sobretudo entre os gays), não apenas por se referir à aparência, mas por representar um gesto de autoaceitação e orgulho identitário. Esse impacto está ligado à própria imagem de Streisand: uma atriz que, na época, destoava dos padrões tradicionais de beleza hollywoodiana e de protagonismo. Mesmo com seu nariz proeminente, voz marcante e uma presença cênica expressiva e autoconfiante em contraste com os ideais dominantes na indústria, ela alcançou sucesso e aclamação. Sua personagem, Fanny Brice, também encarna essa tensão entre diferença e desejo

19 Tradução de Galindo: mas e se tudo que eu sempre quis fosse a minha vida, Mãe?.

20 Tradução de Galindo: ser belo.

21 Tradução de Galindo: piscar de olhos.

22 Tradução nossa: “Olá, linda”.

de reconhecimento, o que criou uma identificação imediata com sujeitos *queer*. Nas palavras de King (2023, tradução nossa)²³:

a experiência de Fanny Brice, como uma artista ‘não bonita’ em meio a um mar de *showgirls* classicamente belas, não estava — ao menos no imaginário — muito distante daquela de inúmeras pessoas *queer* que ansiavam por brilhar sem ter que fingir ser outra coisa; combinada à força irresistível do carisma de Streisand, sua história se tornou não apenas identificável, mas empoderadora.

Dizer *gorgeous*, então, passou a representar, para muitos, o ato de gostar do que se vê e de quem se é — acolhendo diferenças em relação às normas hegemônicas. A força da cena foi tamanha que Streisand repetiu a frase ao receber o Oscar de melhor atriz em 1969 (Oscars, 2010), consolidando a expressão como símbolo de glamour, autenticidade e amor-próprio em certos imaginários *queer*.

É nesse contexto histórico, estético e afetivo que se inscreve a escolha lexicográfica de Little Dog ao escrever *to be gorgeous [...] is to be gorgeous only briefly*²⁴. O advérbio *briefly*²⁵ não indica necessariamente que a beleza é frágil ou efêmera em si, mas que a oportunidade de viver e aclamar sua própria singularidade é limitada à brevidade da existência individual. Diante da imensidão do tempo e da violência social que historicamente busca silenciar ou apagar identidades específicas, viver com orgulho de não ser parte do modelo hegemônico se torna um ato urgente e precioso. Nesse sentido, a evocação de *gorgeous* é lida como uma resposta poética a um mundo que historicamente diz que corpos como o de Little Dog não são belos — e que, portanto, não deveriam sequer desejar existir. Ou seja, ao proferi-la, ele amplia seu alcance: parte da tradição afirmativa da comunidade LGBTQIAPN+, mas também inclui as marcas de sua racialização, origem imigrante e classe social. Em sua voz, *gorgeous* passa a significar a afirmação da vida marginalizada em todas as camadas que atravessam sua identidade.

De acordo com Bender e Wellbery (1998, p. 38), “o conceito de retoricidade evidencia a universalidade da condição retórica, sua não restrição às circunstâncias especializadas de comunicação formal e persuasão”. Isto é, a seleção proposital das palavras é um aspecto intrínseco a toda interação humana, ligada ao objetivo que o enunciador deseja alcançar — mesmo que inconscientemente. Tal perspectiva ajuda a compreender a escolha da linguagem que evoca um senso de coletividade no excerto, especialmente na frase *to be gorgeous, you must first be seen, but to be seen allows you to be hunted*²⁶. Afinal, embora Little Dog não esteja tentando persuadir de forma declarada, ele utiliza estrategicamente o elemento lexical *you*²⁷ com a intenção de universalizar seu raciocínio. Isso torna suas experiências de luta por beleza, visibilidade e aceitação, bem como os perigos inerentes a essa busca, aplicáveis àqueles que compartilham de jornadas semelhantes. Dessa forma, a partir de um testemunho pessoal melancólico, a passagem promove uma reflexão ampla sobre o dilema entre a beleza e a vulnerabilidade de viver enfrentado no cenário vietnamita-americano *queer* na sociedade estadunidense.

Conclusão

Este artigo investigou como, no romance de Ocean Vuong, *On Earth We're Briefly Gorgeous*, Little Dog articula a retoricidade em seu discurso para aludir um senso de que a representação de sua jornada individual visibiliza a comunidade vietnamita-americana *queer* nos EUA. Isso foi possível

23 Texto original: “The experience of Fanny Brice, as an ‘unbeautiful’ performer in a sea of classically lovely showgirls, was – in the mind’s eye, at least – not too far removed from that of countless queer people who yearned to shine without having to pretend to be something else; combined with the unstoppable force of Streisand’s charisma, her story became not just relatable, but empowering”.

24 Tradução de Galindo: ser belo [...] é ser belo apenas por um instante.

25 Tradução de Galindo: por um instante.

26 Tradução de Galindo: para ser belo, você primeiro precisa ser visto, mas ser visto sempre permite que você seja caçado.

27 Tradução de Galindo: você.

mediante uma análise textual que identificou os elementos lexicais retóricos nessa literatura de testemunho e descreveu quais experiências coletivas são evidenciadas por meio da linguagem adotada pelo protagonista.

Explorar as nuances das estratégias retóricas e das referências históricas e culturais nos fragmentos selecionados da carta corroborou a consolidação da hipótese de que a escrita de Little Dog transcende o âmbito autobiográfico. Sua utilização de uma linguagem conotativa e meditativa não só constrói uma ponte afetiva entre seu passado e sua mãe, mas alcança um significado mais profundo, conectando seu relato pessoal às vivências de suas comunidades. Conclui-se, assim, que o resgate das experiências de imigração, discriminação racial e repressão sexual que moldaram a constituição de sua identidade o levou a destacar que tais dificuldades enfrentadas não representam casos isolados.

Desse modo, esse texto literário serve como uma ferramenta política de ressonância sociocultural e emocional. Ele possibilita ao público ver além das barreiras ilustradas pela jornada do personagem e, então, entender questões de marginalização frequentemente enfrentadas por quem possui uma identidade semelhante à dele no contexto estadunidense real. Esse mérito deve-se à eficaz aplicação de estratégias retóricas testemunhais literárias que traduzem, com sensibilidade, uma trajetória pessoal que se inscreve em uma experiência coletiva atravessada por silenciamentos históricos — inclusive no campo da literatura.

Como resultado dessa composição, Vuong constrói um personagem que alcança o objetivo de manter vivas, na obra, as histórias e os corpos que, embora frequentemente esquecidos, persistem em existir. *On Earth We're Briefly Gorgeous* ultrapassa os estereótipos associados às identidades oprimidas, preservando a memória e a existência das comunidades vietnamita-americana, LGBTQIAPN+ (com ênfase na vivência gay) e de sua interseção. Ao fazer isso, realça as tensões entre pertencimento e exclusão, mas, principalmente, a perseverança que essas pessoas têm demonstrado, ao longo do tempo, para conquistar condições de vida cada vez mais dignas nos EUA.

Referências

ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

AUFRICHTIG, Aliza; KATZ, Josh. Readers Choose Their Best Books of the 21st Century. **The New York Times**, 18 jul. 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2024/books/reader-best-books-21st-century.html#>. Acesso em: 8 out. 2024.

BENDER, John; WELLBERY, David. Retoricidade: sobre o retorno modernista da retórica. Trad. Angela Melim. In: WELLBERY, David. **Neo-retórica e desconstrução**. Organização: Luiz Costa Lima e Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BELSEY, Catherine. Textual Analysis as a Research Method. In: GRIFFIN, Gabriele. **Research Methods for English Studies**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013. p. 160-178.

ENG, David. Out Here and Over There: Queerness and Diaspora in Asian American studies. In: ONO, Kent (ed.). **A Companion to Asian American Studies**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

FUNNY girl. Direção: William Wyler. Produção: Ray Stark. Estados Unidos: Columbia Pictures, 1968. 1 DVD (155 min).

KING, John Paul. 'Funny Girl' at 55: Still 'Gorgeous'. **Watermark Out News**, 12 set. 2023. Disponível em: <https://watermarkonline.com/2023/09/12/funny-girl-at-55-still-gorgeous/>. Acesso em: 4 jul. 2025.

LIMA, Luiz. **Escritos de véspera**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000.

OSCARS. Katharine Hepburn and Barbra Streisand Tie for Best Actress: 1969 Oscars. YouTube, 26 out. 2010. 3min52s. Disponível em: https://youtu.be/PoNdQxkl-0w?si=V5v_sUvgnC8rrpHT . Acesso em: 4 jul. 2025.

PELAUD, Isabelle. **This is All I Choose to Tell: History and Hybridity in Vietnamese American Literature**. Philadelphia: Temple University Press, 2011.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SLEVIN, Heather. The Rise in Demand for Diverse Novels. **University Observer**, 4 out. 2021. Disponível em: <https://universityobserver.ie/the-rise-in-demand-for-diverse-novels/> . Acesso em: 14 maio 2025.

STOCKTON, Will. **An Introduction to Queer Literary Studies**. New York: Routledge, 2023.

VUONG, Ocean. **On Earth We're Briefly Gorgeous**. New York: Penguin Press, 2019.

VUONG, Ocean. **Sobre a terra somos belos por um instante**. Trad. Rogério Galindo. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

Recebido em: 27 de abril de 2024
Aceito em: 15 de dezembro de 2024